

Zé Alberto e a terceira margem

Maria do Carmo Fonseca¹

Não é fácil escrever sobre pessoas com as quais convivemos por longos anos e que são conhecidas e reconhecidas em suas contribuições na demografia brasileira, como é José Alberto Magno de Carvalho.

Quando Paula me convidou para escrever um texto sobre ele, respondi positivamente sem pensar muito. Após algum tempo de reflexão, entendi que seria uma tarefa árdua, porque toda a sua carreira técnico-científica é bastante conhecida por seus pares, ex-alunos, enfim, por toda a comunidade demográfica brasileira. No plano de cargos, como diretor da Face e do Cedeplar, presidente da Abep, membro de comitês nacionais e internacionais, seria um pouco redundante escrever sobre o que muitos já conhecem e descrevem a respeito dele.

Após algumas reflexões, optei por uma abordagem mais pessoal de minha convivência com ele ao longo dos quase 30 anos em que trabalhei no Cedeplar, tendo-o como chefe e colega. Tentei resgatar a *persona* de José Alberto na sua complexidade humana - ator que somos em vários palcos, em diferentes ciclos de nossas vidas, como os personagens dos contos tchekhovianos.

Retornando a Belo Horizonte, após terminar o mestrado em demografia na Universidade da Pensilvânia (USA), em 1974, fui indicada para fazer entrevista com o diretor do Cedeplar, onde havia um mestrado com concentração em demografia. O diretor era Zé Alberto. Durante o mestrado, eu havia focado meus estudos em fecundidade, dentro de uma abordagem sociológica dos fatores socioeconômicos e políticos, determinantes dos diferentes tipos de famílias. Ao explicar meus interesses pessoais em desenvolver projetos utilizando este enfoque, houve um silêncio. Com aquela voz de barítono, ele me alertou que meus interesses teriam de ser adiados naquele momento, já que o Cedeplar estava focando e realizando estudos sobre migração. O que restou deste primeiro encontro foi a impressão de que eu deveria mudar meus interesses e estudar e trabalhar com migração, que era a variável demográfica “menina dos olhos” do meu chefe. Naquele momento, percebi que, futuramente, haveria muitos embates entre mim e ele, em termos de enfoque teórico-metodológico na demografia, conforme vamos ver no decorrer desta narrativa.

Na realidade, entrei na Instituição num momento de boas perspectivas, pois o Cedeplar desenhava grandes projetos na área de migração na Amazônia. O grande problema é que, num primeiro momento, éramos apenas três – ele, eu e Morvan de Mello Moreira – e logo passamos a quatro, com a chegada de Charles Wood.

Acho que o fato de eu dar cursos e trabalhar em projetos numa área em que eu havia apenas iniciado meus estudos me valeu uma certa respeitabilidade por parte do meu colega e chefe. Claro que, em sua conduta de chefe à moda antiga, não cabia fazer elogios à minha pessoa, mas ele demonstrou seu agradecimento com fatos pouco tempo depois. O Centro tinha sido convidado a participar de um encontro internacional organizado pela “World Fertility Survey”, em Londres, para discutir e desenhar projetos, em âmbito internacional, sobre fecundidade e seus determinantes. Zé Alberto me comunicou que havia apresentado meu nome como representante da área de demografia, pois acreditava que seria de meu interesse, mais do que dele próprio. Confesso não ter percebido muito bem sua decisão, mas quando já estava em Londres e me perguntava porque ele próprio não estaria ali participando, entendi que ele queria

¹ Professora aposentada do Departamento de Demografia e do Cedeplar/UFMG.

me compensar pela frustração com a sua reação inicial, quando lhe comuniquei meus interesses em projetos sobre fecundidade. Aprendi que a sua personalidade era complexa demais e que eu sempre teria de ler nas entrelinhas e decodificar o que queria explicitar em alguns de seus atos.

Darei um salto no tempo para trazer à tona outras fases do relacionamento humano permeado de discussões acadêmicas entre nós. Ao descobrir a queda da fecundidade a partir dos dados da PNAD, Zé Alberto se deparou com um dilema para explicar o fenômeno. Na comunidade demográfica, existia uma linha de pensamento que acreditava que tal fato não poderia estar ocorrendo na ausência de crescimento econômico e políticas públicas. Surgiram algumas hipóteses de que a incidência de aborto no país poderia ser uma das explicações da redução da fecundidade. Na ocasião, como eu e Lea Silva estávamos realizando uma pesquisa qualitativa sobre o tema em algumas favelas de Belo Horizonte, Zé Alberto, na busca de explicações para a sua descoberta, quis ouvir nossa opinião. Quando narrei a frequência com que as mulheres pobres utilizavam o aborto como método contraceptivo, colocando em risco suas vidas e adquirindo sequelas que as tornariam inférteis, ele ficou chocado. Teci os detalhes dos métodos abortivos utilizados pelas mulheres e foi o momento em que vi o cientista demógrafo abandonar o seu lado de neutralidade e ficar emocionado.

Com a disseminação de seus achados sobre o declínio da fecundidade, esta componente demográfica tornou-se, por muito tempo, seu objeto principal de pesquisa, o que, ao meu ver, o distinguia completamente daquele Zé Alberto que me entrevistou e, de certa forma, não permitiu que eu levasse à frente estudos sobre essa temática. Mesmo assim, a celeuma entre nós continuava, agora sobre possíveis causas do declínio do número de filhos na família brasileira. Na base de suas explicações, estava o pilar econômico, mas ele chegou a admitir a influência de um comportamento consciente por parte dos casais, tendo em vista o custo-benefício dos filhos, o que teria levado à mudança no comportamento dos casais. Enquanto isso, continuei defendendo que o declínio se dava mais pelas mudanças no *status* das mulheres – maior participação na força de trabalho –, distanciando aquelas mulheres dos valores domésticos, apesar de elas continuarem com as tarefas domésticas que suas progenitoras desempenharam.

Minha defesa de que as mulheres seriam as responsáveis, em grande parte, pelo declínio da fecundidade valeu-me a “fama” de feminista na demografia por parte dele. Não poupava oportunidade para fazer algum comentário sobre este meu posicionamento, sobretudo quando me via reunida com outras colegas, como a saudosa Bel Baltar, que defendiam a mesma corrente de pensamento. Durante os quatro anos (1984-1988) em que estive no exterior fazendo meu doutorado – decisão esta que teve total apoio de Zé Alberto – trabalhei com o *status* da mulher e suas consequências demográficas, tema que estava sendo investigado em vários países, sob auspícios da Rockefeller Foundation. Dessa forma, me familiarizei com as produções acadêmicas de algumas pesquisadoras como Karen Mason, cujo estudo *Gender and Demographic Change: what do we know?* havia sido publicado pela IUSSP.

Como um moinho que está sempre em movimento, a roda da vida de Zé Alberto o levaria aos palcos internacionais de maior prestígio demográfico, culminando com a sua candidatura à Presidência da IUSSP (International Union for the Scientific Studies of Population), tendo Karen Mason como sua principal concorrente. Nessa ocasião, fui chamada por Zé Alberto à sua sala e ele, apreensivo, foi logo dizendo que as feministas da IUSSP estavam fazendo campanha para Karen e me fazendo perguntas sobre as visões dela acerca de vários temas demográficos. Sabendo que a maioria dos membros da IUSSP eram demógrafos de formação acadêmica na

“demografia formal”, o tranquilizei dizendo que ela não teria chance na competição com ele. Quando saí, ele me disse que não contaria com o meu voto, pois sabia que eu votaria nela por concordância de posicionamento. Ficou surpreso com minha explicação de que eu votaria nele sim, pois eu a conhecia pelas suas contribuições de cientista social na demografia, mas não a conhecia como pessoa e, para mim, os posicionamentos na vida profissional e pessoal tinham que ser convergentes. Senti que ele ainda duvidava; então, quando votei nele, fui até à sua sala e lhe mostrei o meu voto.

Dando mais um salto no tempo, outra celeuma surgiu quando Zé Alberto passou a focar no tema envelhecimento da população brasileira, do qual se tornou a voz mais respeitável e apaixonada. Talvez este elemento de paixão se desse também pelo fato de que seu próprio envelhecimento era inexorável. Nesse tema, ele defendia o investimento em larga escala em educação e mercado de trabalho para a população jovem e reformas no sistema previdenciário. Minha discordância com suas ideias estava, novamente, na seara das mulheres. Na visão dele, não deveria haver aposentadoria especial para mulheres, baseado no indicador de esperança de vida ao nascer, que apontava uma diferença entre os sexos favorável às mulheres. Em seus argumentos, a maior sobrevivência das mulheres causava despesas maiores para o sistema de previdência social. Minhas argumentações de jornada dupla das mulheres, que acarretavam vulnerabilidades sobre a sua saúde, não tinham eco nas suas explicações. Eu costumava apontar para ele que sobrevivência maior das mulheres nos traria vários problemas: com o declínio da fecundidade, as mulheres não teriam filhos para cuidar delas no envelhecimento e teriam que arcar com o próprio envelhecimento, sem possibilidades econômicas. A estes meus argumentos ele se mostrava mais aberto, mas continuou a defender aposentadoria de tempo igual para homens e mulheres. Sua paixão pelo envelhecimento o levou a intuir que, no futuro, uma população de idosos abandonados transitando pelas ruas substituiria os chamados “pivetes” da década de 1970.

Entre 1997/98, fui para o Centro de Estudios Demográficos em Barcelona, onde estive numa instância de pós-doutorado. Quando comuniquei ao Zé Alberto a minha escolha, ele deu uma gargalhada e disse que eu retornaria mais radical ainda, já que as discussões de gênero e demografia estavam dominando os debates europeus. De fato, quando retornei e me propus a dar um curso sobre a segunda transição demográfica, na qual a mulher seria não mais coadjuvante, mas sim a figura central, ele não contestou com a mesma veemência com que apresentava suas divergências acadêmicas comigo.

O ciclo de trabalho com Zé Alberto findou em 2001, quando decidi me aposentar e voltar para o CED Barcelona, como professora convidada. Não preciso narrar a sua surpresa pela minha decisão, mas sim o discurso, para não dizer a “bronca”, sobre estar usando o privilégio da aposentadoria especial para mulheres. Como estava de saída, não explicitiei os meus contra-argumentos a respeito do tema e não quis polemizar. Apenas coloquei que, em nenhuma circunstância, eu gostaria de deixar o trabalho na Instituição por meio da aposentadoria compulsória. Naquele momento, acho que ele não entendeu muito o que estava implícito na minha fala, pois ainda estava imbuído de sua crença no cumprimento das regras institucionais. Permaneceu no trabalho, ao qual se dedicava exclusivamente e tempo integral, como gostava de falar, até que experimentou o gosto amargo da sua aposentadoria compulsória.

No vídeo documentário “Antes que o Sol se ponha”, realizado por Luiza Cruz com Zé Alberto na Fazenda Saudade, em Madre de Deus de Minas, percebe-se a amargura em suas palavras quando fala sobre o significado da aposentadoria compulsória, ao dizer que “sente-se expulso por força da Lei, perde-se conexões e a convivência”. Relata à entrevistadora que, para não

perder o seu grupo de convivência de tantas décadas, mantém suas idas diárias ao Cedeplar, do qual foi cofundador na década de 1960.

Nesse ponto do meu relato, invoco o personagem do conto “A terceira margem”, de Guimarães Rosa, contido na obra *Primeiras estórias*. Ele, que se afasta de todos, leva o seu pequeno barco para o meio do rio e ali permanece, apesar de todos os esforços dos parentes, que querem resgatá-lo para uma das margens. É nessa terceira margem, criada no seu imaginário, que vai encontrar-se consigo mesmo e unir o ser individual-social para encontrar a si mesmo.

Finalmente, numa cena do documentário mencionado, pode-se sentir a alegria do pescador Zé Alberto, segurando firme em suas mãos o peixe que retirou do anzol. Penso que a alegria demonstrada neste ato vai além do perceptível aos nossos olhos. Ali, naquele recanto e no movimento das águas, ele ainda tem controle sobre suas atividades, controle este que a aposentadoria “forçada”, aliada às perdas que o envelhecimento nos acarreta, nos exige ressignificar o nosso ser individual e abandonar os *personas* dos palcos. José Alberto Magno de Carvalho, por trás de toda a sua “mineirice”, foi um ser bastante complexo e com muitas dualidades, como todos nós. Aprendi muito com ele durante nossa convivência como colegas e agradeço as oportunidades que ele me proporcionou enquanto meu chefe.